

## Profissionais da saúde movem um mundo mutilado | Carta semanal 12 (2020)



Luc Kordas, *Coney Island*, 2016.

Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

O SARS-Co-2 ou Covid-19 vem se movendo rapidamente pelo planeta. Nenhuma região está intocada. É um vírus poderoso, com um período de incubação longo o suficiente para ocultar os sintomas e, portanto, alcançar mais e mais pessoas com seus braços mortais.

Lentamente, o mundo vai parando e o medo toma conta, ainda que ele não seja uma opção. O vírus é mortal, mas não é apenas ele que gera medo. Grande parte do mundo teme porque está percebendo que vivemos em

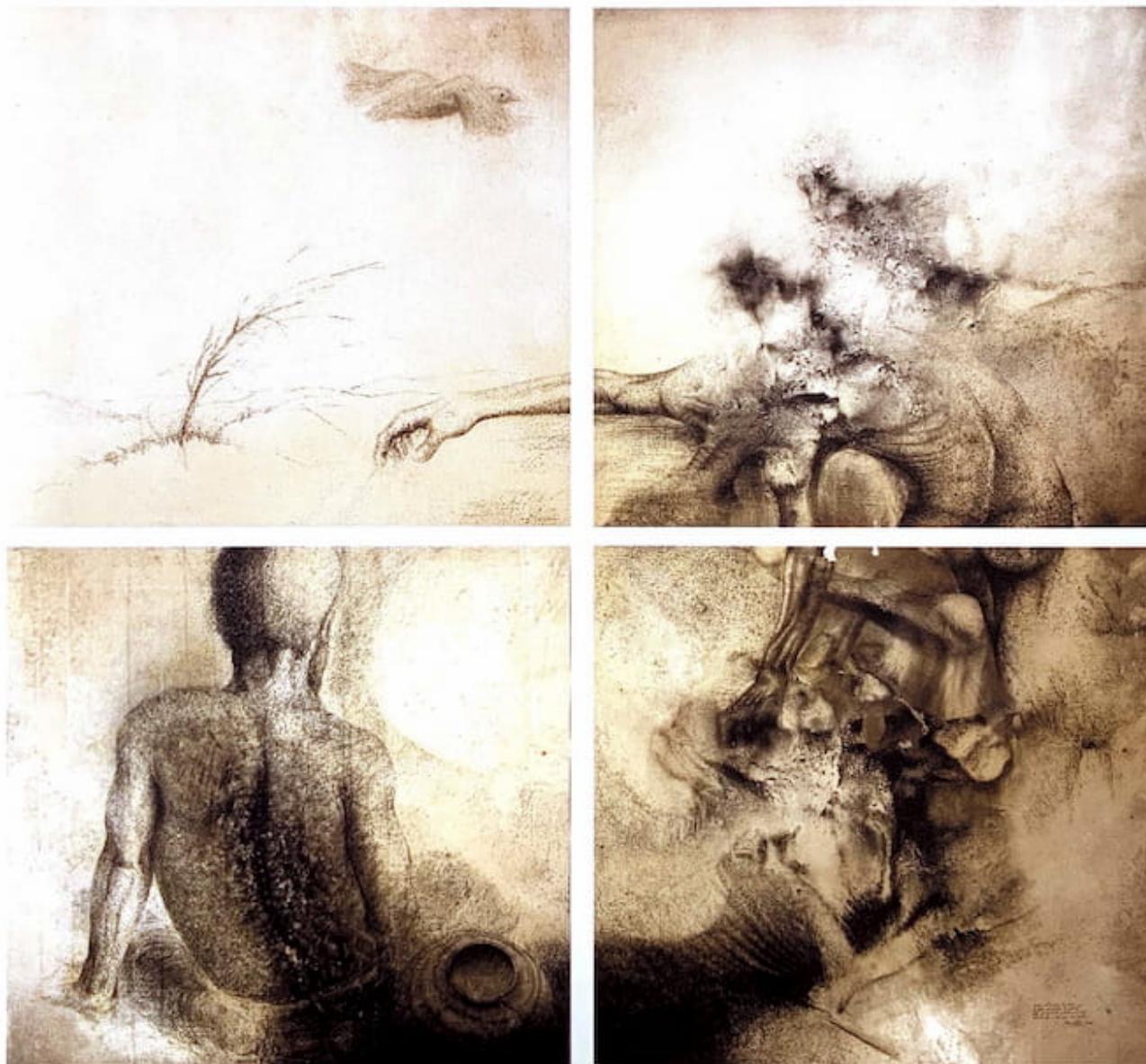
desertos institucionais, que nossos líderes eleitos são em sua maioria incompetentes e que a sede pelo lucro concentrou muito do potencial humano no dinheiro e não no desenvolvimento da humanidade. A profunda solidão que caiu como uma mortalha no mundo advém dessa percepção e do isolamento social imposto. A maioria dos chefes de governo do mundo aposta no medo para confundir suas populações; eles prosperam no pânico, de um tipo ou de outro. Eles simplesmente não têm a fibra moral para nos guiar enquanto essa pandemia atinge em cheio nossas vidas.



Haris Nukem, Counting Blessings, 2019.

Em um meio improvável – o *Financial Times* –, o editor de África, **David Pilling**, escreve sobre a catástrofe ocasionada pela mudança da saúde pública para a saúde privada. Existe, diz ele, “a tentação de ver a saúde através de um olhar individual”, pois doenças não transmissíveis como câncer, hipertensão e diabetes eclipsam outras enfermidades; o antídoto para essas doenças é visto como individual (um regime alimentar, exercícios físicos) e privado (plano de saúde). À medida que as faculdades de Medicina, hospitais e empresas farmacêuticas privadas crescem, o sistema público murcha. Esse desenvolvimento, observa Pilling, “ignora dois fatos. Um é que as intervenções de saúde mais eficazes, de água potável a antibióticos, passando por vacinas, são todas coletivas. A segunda é que as doenças infecciosas não foram derrotadas. Elas foram, na melhor das hipóteses, mantidas à distância”. Não há alternativa, o que se comprova à medida que essa catástrofe se desenrola, senão a criação de, no mínimo, um robusto setor público para a saúde.

Mesmo nos sistemas de saúde mais precários, desmontados pela austeridade, são os enfermeiros e médicos, os paramédicos das ambulâncias e os cuidadores que têm sido heroicos em seu trabalho; médicos e enfermeiros estão sendo chamados de volta da aposentadoria, trabalhando agora muitas horas sem tempo para descansar. Estão trabalhando além da exaustão para engrossar os esforços contra o vírus. Nesse mundo mutilado, aqueles que nos mantêm unidos pelos laços de amor e companheirismo são nossos heróis, pessoas maravilhosas que estão dispostas a se colocar em perigo para proteger seus semelhantes. Os cuidadores – seja em famílias ou em instituições – nunca recebem crédito suficiente pelo enorme fardo que carregam, enquanto políticos extirpam o Estado e a sociedade. Eu preferiria um planeta de enfermeiras a um planeta de banqueiros.



Thami Mnyele, *Things Fall Apart*, 1976.

As notícias da Itália são estarrecedoras, e um prelúdio do que pode acontecer se o vírus entrar completamente nas favelas e *bastis* pelo mundo. Pouco se sabe que a gripe espanhola de 1918-1919 teve seu pior impacto no oeste da Índia; dos milhões que morreram nessa pandemia, 60% eram desta parte do país e os que morreram já estavam enfraquecidos pela desnutrição imposta pela política colonial britânica. Hoje, os famintos vivem nesses cinturões de favelas que até agora não foram dramaticamente atingidos pelo vírus. Se a morte começar a assolar essas áreas, onde os cuidados médicos foram severamente esgotados, o número daqueles que morrerão será **alarmante**, a miséria da estrutura de classes ficará evidente nos necrotérios.

A poeta **Margaret Randall**, cujas memórias *I Never Left Home* [Nunca saí de casa, tradução livre] acaba de ser publicada, nos enviou um poema que define o clima para esse período:

## COVID-19

Quando o número de mortos esperado  
está na casa dos milhões  
há chances de que  
alguém que você ama morra.

As pragas do passado nos revisitam agora  
e nós lutamos  
para ficarmos seguros, ficarmos  
sãos e presentes para os outros,

ajude os vizinhos, compre apenas  
o que precisa,  
das prateleiras das lojas que esvaziam  
na batida do medo.

Vamos doar máscaras  
como os chineses  
e lavar nossas mãos  
em oração silenciosa.

Vamos cantar nas varandas  
imaginárias e reais  
como os italianos  
confinados em todo o país.

Sejamos gentis um com os outros  
vamos organizar os remédios  
e as soluções  
que líderes irresponsáveis colocam em risco.

Se este é o Big One,  
vamos sair  
com dignidade, se é um ensaio  
vamos finalmente propor viver em paz.



### Médicos chineses nas montanhas Altai

Durante séculos, os seres humanos enfrentaram grande tristeza, pouco entendendo a morte cataclísmica, sendo pragas e a cólera as mais notáveis. Quando as catástrofes acontecem, muitas vezes são as mulheres – como enfermeiras, mães e irmãs – que mantêm a sociedade unida. Explicações misteriosas e místicas abundam. A ciência nos ajudou a romper o profundo fatalismo que enganou as pessoas; agora buscamos explicações no sequenciamento de genes e na criação de vacinas. É a crença na razão, na ciência e na solidariedade que enviou médicos e enfermeiros chineses para os confins de seu país, como as Montanhas Altai, para curar pessoas e conter esse vírus muito perigoso que nos envolve em ansiedade e morte; foram esses valores que os levou, juntamente com os médicos cubanos, ao Irã, Iraque e Itália para ajudar países em perigo. A chegada deles nos lembra uma história de um século de médicos e enfermeiros socialistas que se lançaram à solidariedade internacional pelo bem da humanidade. São pessoas que compartilham um cenário ético com os médicos comunistas indianos e a policlínica de seu povo sobre a qual escrevemos no **Dossiê n. 25** (fevereiro de 2020). Essa é a tradição socialista.



Sanções são criminosas, Caracas, Venezuela, 2020

E depois há a tradição imperialista. À medida que o Covid-19 se espalha, e como o Irã foi atingido com força, uma resposta humanitária dos Estados Unidos teria sido pôr fim a todas as sanções assassinas e permitir que o Irã importasse equipamentos e suprimentos médicos. O mesmo se aplica à Venezuela, onde o Covid-19 já começou sua marcha. Eu e Paola Estrada, da Assembleia Internacional dos Povos (AIP), **conversamos** com o ministro das Relações Exteriores da Venezuela, Jorge Arreaza, que nos disse que seu país está enfrentando “dificuldades para a aquisição oportuna de medicamentos”. Mas a Venezuela, como o Irã, tem sido assistida pelos chineses, cubanos e pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Eles estão decididos a quebrar o embargo do imperialismo e a cadeia de transmissão viral. “Sanções são um crime”, dizem na Venezuela. As sanções unilaterais dos EUA assumem um significado criminal especial em meio a essa pandemia.



Igualmente criminoso é que o cerco à Faixa Gaza (Palestina), onde dois milhões de pessoas estão presas pelo bloqueio israelense em uma área densamente povoada. As enfermeiras, os médicos e a equipe de suporte médico palestinos, bem como os professores e assistentes sociais que mantiveram, por décadas, sua sociedade frágil, não recebem tanto crédito por manter a sociedade palestina viva e resiliente. Um deles era Razan al-Najjar, uma médica de 21 anos que estava cuidando de manifestantes desarmados na Grande Marcha do Retorno; eles foram baleados por atiradores israelenses. Um atirador apontou seu rifle para ela e **a matou deliberadamente** em 1º de junho de 2018.

Existem milhares de enfermeiras, médicos e trabalhadores médicos como Razan al-Najjar que estão trabalhando duro para conter o colapso da sociedade no Iêmen, onde – devido à Arábia Saudita/Guerra dos Emirados – mais da metade da população carece dos cuidados básicos de saúde e nutrição. Imagine o que o

flagelo do Covid-19 fará em Gaza e no Iêmen? Esse bloqueio e essa guerra devem terminar.



Malak Mattar, Gaza antes do coronavírus, 2020.

A OMS tem trabalhado duro, apesar dos recursos insignificantes, para impedir a propagação do vírus. Se você puder doar algum dinheiro, faça-o para o **Fundo de Resposta de Solidariedade da OMS**. Levante-se para defender este mundo mutilado, ajudando os cuidadores cujo trabalho é o bálsamo que nos levará até o outro lado dessa ruína.

Cordialmente, Vijay.